

A LEITORA
DE PEQUENAS
SORTES

AMOS REBRAS

AMOSTRA

A LEITORA
DE PEQUENAS
SORTES

JULIE LEONG

Tradução de Giovanna Chinellato



ALTA BOOKS

GRUPO EDITORIAL

Rio de Janeiro, 2025

A Leitora de Pequenas Sortes

Copyright © 2025 ALTA NOVEL

ALTA NOVEL é um selo da EDITORA ALTA BOOKS do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.)

Copyright © 2024 JULIE LEONG

ISBN: 978-85-508-2546-5

Translated from original The Teller of Small Fortunes. Copyright © 2024 by JL Writing, LLC. ISBN 9780593815915. This translation is published and sold by arrangement with JL Writing LLC. All rights reserved including the rights of reproduction in whole or in part in any form. PORTUGUESE language edition published by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda., Copyright © 2025 by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2025 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

L579L

1.ed. Leong, Julie

A leitora de pequenas sortes / Julie Leong ;
tradução Giovanna Chinellato. – 1.ed. –
Rio de Janeiro : Alta Books, 2025.

288 p. : 13,5 x 21 cm.

Título original: The Teller of small fortunes.
ISBN 978-85-508-2546-5

1. Fantasia - Literatura infantojuvenil.
I. Chinellato, Giovanna. II. Título.

03-2025/228

CDD 028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Fantasia : Literatura infantojuvenil 028.5
2. Fantasia : Literatura juvenil 028.5

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Esta é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares, organizações e situações retratadas são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou localidades é mera coincidência.

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Diretor Editorial: Anderson Vieira

Vendas Governamentais: Cristiane Mutüs

Gerência Comercial: Claudio Lima

Coordenadora Editorial: Illysabelle Trajano

Produtora Editorial: Beatriz de Assis

Tradução: Giovanna Chinellato

Copidesque: Ellen Andrade

Revisão: Denise Himpel

Diagramação: Rita Motta

*Para meu pai, que me presenteou
com o amor por histórias.
Obrigada por ainda estar aqui.*

爸爸, 谢谢你.

AMOSTRA

AMOSTRA



UM

No dia em que a Leitora de Pequenas Sortes chegou a Néctar, havia um grande alvoroço no vilarejo porque o futuro aprendiz do artesanato de velas havia perdido todas as cabras.

Laohu diminuiu o ritmo até parar na praça da cidade e Tao acariciou sua garupa. Havia sido um dia longo de viagem para eles, pela floresta e pelo campo. A mula (um mulo, na verdade) bateu os cascos no chão e bufou aliviado por ter chegado, formando pequenas nuvens de respiração no ar frio do anoitecer. Era a primeira vez de Tao em Néctar. Ela se apressara na expectativa de encontrar uma refeição quente e cama macia ao chegarem, mas a cena ao seu redor a fazia duvidar que fosse ser recebida de maneira calorosa no momento. Suspirou.

Tao enrolou as rédeas num gancho da carroça e saltou graciosamente para o chão, olhando para a movimentação ao redor. Eles haviam parado logo em frente a uma taverna — era bonita, com dois andares e maior do que um vilarejo como Néctar precisaria.

Só que onde deveria haver uma multidão de moradores bem alimentados bebendo cerveja, havia uma estranha fila de pessoas, um tanto barulhentas, e uma bela bateção de metal.

— Um balde de grãos e um sino para cada! Depressa, pegue um balde, bom garoto.

— Eu quero é saber quem vai pagar por todo esse grão!

— Ah, cala a boca, Mallack, depois a gente pensa no dinheiro; o prefeito vai te pagar tudo e você sabe disso.

— É, bom, mas eu queria ter certeza do preço antes de jogarem todo o meu grão pela floresta daqui até a costa sem ninguém para se responsabilizar! Deveria existir uma indenização por atrapalhar o jantar de alguém e pilhar toda sua loja sem nem...

— Seu canalha! Se não encontrarmos elas, Néctar vai ser arruinada, e seu moinho também, porque quem é que vai comprar grãos sem dinheiro e sem cabras para alimentar?

Um adolescente, magro e de cabelo rebelde, estava sentado em um toco de árvore a certa distância, assistindo à confusão com uma expressão desolada. Como ele parecia ser o único que não estava envolvido no caos, Tao decidiu abordá-lo primeiro.

— Olá — disse ao se aproximar. — Você pode me contar o que aconteceu, por favor?

O menino se espantou em meio à sua melancolia e a encarou de olhos arregalados:

— Você é shinense!

— Sou — respondeu Tao, paciente. — Pode me dizer o que aconteceu?

— Mas você fala eshterão! — O menino apertou os olhos para ela, desconfiado, como se esperasse que as feições estrangeiras dela, os olhos encapuzados, a pele dourada e o cabelo preto enrolado em um coque solto, fossem se transformar diante dele.

Tao suspirou internamente e tentou uma abordagem diferente. Jogou a capa para trás com uma mão e se inclinou em um cumprimento.

— Saudações, jovem senhor, desta humilde viajante. Sou uma vidente do distante império de Shinara, e venho a estas terras buscar sabedoria e aprendizado.

— Em... Néctar? — questionou o menino, confuso.

— A sabedoria pode ser encontrada em todos os lugares — respondeu Tao. Ela uniu as palmas num gesto que esperava ser solene. — Onde quer que o rio inscreva a verdade em rocha, e homens soprem as chamas da criação.

— Ah — exclamou o menino, adequadamente impressionado. — Então você está atrás do velho Derry, o ferreiro, e sua forja? Ele está segurando um balde ali, o da esquerda.

Os dois olharam de volta para as pessoas na fila, que a essa altura estavam mais ou menos equipadas com baldes de grãos e

vários implementos barulhentos. O menino se encolheu mais, uma bolinha de cotovelos, joelhos e desespero adolescente.

— O que vão fazer com tanto grão assim? — perguntou Tao.

— Estão enviando equipes de busca. Eu perdi as cabras, entende? — explicou o menino, desolado. — Arty me fez vigiar o rebanho hoje, lá no pasto oeste, então eu cochilei depois do almoço, e quando acordei as cabras tinham sumido. E agora o vilarejo já era, e é tudo culpa minha. Mas como que eu ia saber que as cabras prefeririam descer todas aquelas rochas do penhasco em vez de ficar num ótimo pasto ensolarado cheio de capim? Era para eu estar aprendendo a fazer velas, não pastoreando cabras, e agora vai saber se o Bern ainda me quer! Sou bom com as abelhas dele; abelhas não criam problemas, elas ficam paradas onde você quer que fiquem, a não ser que você derrube as colmeias, mas a perna ruim do Arty estava doendo de novo, e eu não me importei em ajudar só hoje, e agora olha só o que aconteceu. Cabras malditas!

As palavras explodiram para fora dele de uma vez só, uma fervorosa mistura de indignação e vergonha adolescente.

— Uhm... — murmurou Tao. — Talvez eu possa ajudar.

Ela se apressou até a carroça e saltou de volta para seu banco de condutora, enquanto Laohu se remexia impaciente. Em vez de pegar as rédeas outra vez, Tao se abaixou para passar pelas lamparinas acesas, que balançavam suavemente de onde pendiam da viga saliente, e entrou na pequena carroça de madeira que funcionava como seu lar.

Uma cortina de lona bordada escondia o interior tanto das intempéries quanto de olhares curiosos; atrás dela ficava tudo que Tao tinha, guardado da maneira mais organizada possível no que poderia ser chamado de baú de armazenamento sobre rodas. Panelas de vários tipos e tamanhos pendiam de um prego torto em uma parede. Do lado oposto ficava o que Tao gostava de considerar como sua despensa: um pequeno saco de maçãs, jarros de grãos e folhas de chá amarrados para não cair de sua prateleira improvisada, maços de menta e urtiga pendurados para secar. Ali também ficava sua cama — alguns sacos de feno (que convenientemente também serviam de comida para Laohu, embora isso significasse que, se eles ficassem muito tempo sem reabastecer, o sono dela inevitavelmente sofreria com isso) enrolados

com grossos cobertores de lã. No geral, era um ninho confortável, mesmo que modesto.

Mas Tao só passou os olhos por ali depressa. Tudo estava em seu devido lugar, então o que ela precisava estaria no fundo, onde guardava seus bens mais preciosos.

Avançando pelo espaço abarrotado com a destreza da familiaridade, ela vasculhou os sacos cuidadosamente empilhados no fundo da carroça, atrás dos banquinhos e da mesa dobrável. De um deles, tirou um disco de bronze batido com alça de fita e uma marreta pequena com a ponta enrolada em tecido.

Com a fita numa mão e a marreta na outra, abaixou-se para passar pela cortina e saiu, piscando com o brilho morno da lanterna que balançava com suavidade. Tao ficou de pé no banco do condutor de sua carroça (ou seja, o mais alto que sua pequena estatura permitia), certificou-se de que sua capa com capuz estivesse flutuando de maneira impactante para que o forro de veludo azul ficasse visível, ergueu o queixo e, com uma solene cerimônia, bateu no disco.

Uma nota grave badalou, metálica, profunda e autoritária, e um silêncio percorreu a multidão conforme os moradores finalmente notavam a jovem shinense de pé sobre uma carroça de viagem no meio de sua praça. Tao bateu mais uma vez no gongo, e o som reverberou até todos os olhos estarem fixos nela.

— Saudações, moradores de Néctar! — gritou ela para a multidão espantada. — Sou Tao, Leitora de Pequenas Sortes.

Ela gesticulou de maneira teatral para a lateral de sua carroça, onde, de fato, **LEITORA DE PEQUENAS SORTES** estava pintado em cuidadas letras pretas, assim como o adendo em letras bem menores logo abaixo: *(nada de feitiços, poções ou profecias antigas)*.

— Mas esta noite, eu lhes presentarei, sem custo algum, uma sorte de tamanho médio! Você aí, senhora. — Tao apontou para uma mulher de avental com aparência preocupada que segurava vários baldes à porta da taverna. — Diga-me... tem um pequeno riacho que corta um bosque de pinheiros a leste daqui?

— Tem, tem sim — respondeu a mulher, estreitando os olhos.

— E você, Mestre Arty. — Tao apontou para o homem mais velho, alto e magro, que apoiava todo o peso em um cajado. — Diga-me... tem vários arbustos de frutas silvestres no leito desse rio?

— Ei, espera aí, como você sabe meu nome? — perguntou Arty, confuso, esfregando a perna.

— Sim, tem — interrompeu a mulher de avental. — E daí?

De forma dramática, Tao abriu os braços ao máximo, fechou os olhos e inclinou a cabeça para trás, como se estivesse ouvindo vozes que só ela pudesse escutar.

— Moradores de Néctar... — entoou. — Eu vi suas cabras! Olhem para o leste onde as amoras-silvestres bebem a água gelada da montanha, e lá encontrarão seu rebanho!

A multidão explodiu em uma cacofonia agitada.

Como leitora de pequenas sortes, Tao não costumava ter a chance de armar um espetáculo, porque se sentiria bem tola de anunciar com tanta teatralidade se choveria ou não no próximo dia-do-Acadêmico, ou quando as verrugas da filha do carpinteiro sumiriam. Mas tinha de admitir... gostava muito quando surgia a oportunidade.

— Ela é shinense, shinense de verdade — gritou o adolescente magrelo, que havia saltado de seu toco com a proclamação dela.

— Ela vê coisas nas pedras!

— E o que uma shinense está fazendo tão longe de casa, aqui em Néctar, hein? — perguntou uma mulher fazendo bico e segurando uma vassoura.

— Como ela sabia meu nome? Nunca fui para Shinara na vida — gritou Arty, mais alto que o barulho.

— Chega, chega! — berrou a mulher de avental, batendo em um balde com uma colher de pau para chamar a atenção da multidão. — Se é para encontrarmos essas cabras antes de escurecer, estamos perdendo tempo. Pois bem, se essa vidente diz para procurarmos no riacho do leste, então alguém deveria averiguar... nós já íamos olhar por todos os lados mesmo.

Um coro de concordância respondeu de maneira decidida, e as pessoas começaram a formar pares e partir em várias direções, alguns olhando de soslaio para Tao e sua carroça. O adolescente magrelo disparou para o leste, depois de pegar seu balde de grãos e gritar sobre os ombros: “Eu olho o riacho!” Suas esperanças de se redimir haviam sido claramente renovadas pela fé nas habilidades proféticas de Tao.

Ela mordeu os lábios para conter um sorriso, guardou o gongo e a marreta de volta na carroça, e desceu para desatrelar Laohu e

esperar o resultado da busca. O riacho com os arbustos de amoras-silvestres não ficava longe, talvez meia hora numa corrida tranquila para um adolescente de pernas longas bem motivado. Ela o atravessara pouco antes de chegar a Néctar, com as rodas da carroça sacolejando pelas pedras e Laohu murchando as orelhas para trás com a água gelada enquanto erguia os cascos bem no alto elegantemente. Tao se lembrava de se inclinar de cima da carroça para apanhar um punhado de amoras-silvestres, saboreando cada maravilhosa mordida de doçura ao comer uma por uma.

E ela *também* se lembrava do som de folhas sendo mastigadas, do cheiro característico de animais domésticos, e até do ainda mais característico coro caprino de *bééés* que vinha de trás dos arbustos conforme sua carroça passava.



Pouco mais de uma hora depois, com o sol se escondendo atrás das colinas e um anoitecer arroxeadado descendo pelas terras, agradecidos moradores de Néctar apertavam as mãos de Tao e lhe empurravam uma segunda caneca de cerveja cheia de espuma, apesar de sua recusa educada.

A mulher de avental, que no fim das contas era Hattie, a esposa do dono da taverna (e a verdadeira autoridade do vilarejo, apesar do prefeito oficial), passou instantaneamente a gostar de Tao assim que Cam voltou triunfante com um rebanho de cabras mal-humoradas e sujas de amora à frente.

— Não, nada disso, não vamos aceitar pagamento nenhum de você hoje — resmungou Hattie ao colocar um cesto de pães quentinhos e um prato cheio de queijo (“o melhor queijo de cabra da região, é claro”) na mesa de Tao perto da lareira da taverna. — Não depois do que você fez por nós! E esperamos que passe a noite aqui, porque muitos querem que você leia a sorte deles, se tiver tempo. Uma verdadeira vidente shinense, imagine só! Aposto que nem Porto de Conchas tem uma dessas!

Em resposta, muitos “Isso mesmo” soaram e cabeças assentiram, pois Néctar sempre sentia a pedra no sapato de ser a vizinha menor e mais pobre de Porto de Conchas. (Uma cidade portuária relativamente grande e marginalmente importante que tinha

três tavernas e até o próprio mago residente. É verdade que ele era um tanto velho e surdo, e uma figura bem menos imponente do que a maioria dos outros magos da Guilda; nos últimos tempos o que mais fazia eram encantamentos para redes de pesca, alguns dos quais poderiam ter efeitos um tanto inesperados no cozido de alguém, mas, mesmo assim, uma cidade do oeste ter um mago próprio não era pouca coisa.)

— Será uma honra — respondeu Tao com um inclinar respeitoso da cabeça — passar a noite na sua bela taverna, e é claro que amanhã lerei sortes para todos que quiserem.

Hattie abriu um largo sorriso para ela, e todos os outros fizeram mais um brinde barulhento, a voz jovem de Cam mais alta que as outras, para a Leitora de Pequenas Sortes viajante, que parecia shinense, mas falava eshterão perfeitamente, e que salvou as cabras de Néctar, e, com isso, os pescoços de todos eles também.



Na manhã seguinte, Tao tomou um adorável café da manhã (ovos e biscoitos amanteigados, com sabor um pouco *caprino* demais para o gosto dela, mas quentinho e saciável mesmo assim), agradeceu Hattie pela refeição e saiu a caminho de sua carroça, que ainda estava na praça. Laohu havia passado a noite num estábulo, e, quando Tao foi vê-lo mais cedo, encontrou-o devorando contente a grande pilha de feno que lhe havia sido oferecida. O vilarejo despertava vagaroso; até a luz do amanhecer, que subia pelas colinas e cobria as casinhas com telhado de palha, parecia fraca e preguiçosa. Mas um punhado dos moradores mais diligentes já estava de pé e trabalhando, carregando água ou ferramentas, e esses poucos assentiam ou acenavam para Tao ao passar, olhando-a com interesse descarado.

Cantarolando uma melodia, Tao arregaçou as mangas e começou a se preparar para o dia: primeiro, das profundezas de sua carroça, ela tirou uma grande estaca com uma corda amarrada no topo; com sua marreta e bastante esforço, ela martelou a estaca no chão, a uma pequena distância atrás de sua casa sobre rodas.

Satisfeita com a profundidade da estaca, Tao pegou a ponta solta da corda e amarrou com destreza na estrutura arqueada

da carroça. Quando estava firme, Tao desapareceu para dentro por um instante e ressurgiu com um grande rolo de tecido. Um rolo que tratou quase com reverência: desenrolou gentilmente e deu uma leve chacoalhada para remover qualquer vestígio de pó.

Com mãos habituadas, jogou-o sobre a corda de forma a se derramar para os dois lados. O tecido era de um azul-marinho vivo, mais grosso do que linho, mas não tão áspero quanto lã, e com um adorável brilho suave à luz do sol; Tao passou a mão por sua maciez e pensou melancólica, não pela primeira vez, nas montanhas de verde abundante em Shinara, onde toda a seda-d'água era feita e que ela não via desde muito jovem. *E provavelmente nunca mais verei.* O pensamento lhe veio à mente com uma pontada de dor antes que conseguisse reprimi-lo.

O resto dos preparativos foi rápido. Algumas estacas mais curtas em cada canto, para alargar a tenda; a pequena mesa dobrável de madeira e dois banquinhos; um estranho tipo de bule, com alça e bico em paralelo, e duas xícaras de barro combinando sobre a mesa, ao lado de um jarro de folhas de chá retorcidas. Uma caixinha de madeira que sacolejava alto também foi trazida para fora, assim como uma única vela de aroma doce, que Tao acendeu com uma pederneira e colocou com cuidado ao lado do bule.

Feito isso, ela deu alguns passos para trás e, com olhos críticos, avaliou o trabalho.

A essa altura, Néctar já havia acordado por completo e uma movimentação ritmada de gente surgira na praça, desejando “Bom dia” uns aos outros, seguindo adiante com suas tarefas ao mesmo tempo em que discretamente observavam Tao aprontar sua carroça, que agora tinha uma tenda acoplada.

As pessoas começaram a se aproximar aos poucos, curiosas, mas ninguém com coragem suficiente de ser o primeiro, até que o magrelo Cam (que se considerava algo como um porta-voz, afinal não havia sido ele o primeiro a falar com a vidente?) andou animado até a tenda e chamou:

— Oi, senhorita! Já está aberta para ler nossa sorte?

Tao dedicou um momento a alisar as roupas. Sabia muito bem a importância da aparência em uma ocupação como a sua, ainda mais sendo estrangeira.

Um longo vestido branco, simples porém limpo (uma concessão para o gosto mais estrito das cidades da região montanhosa, embora fosse mais complicado do que calças para viajar), com um cinto marrom de couro cheio de bolsinhos. Botas altas mais práticas do que femininas, e sua capa de lã preta com forro azul e capuz, amarrada no pescoço com um broche prateado no formato da cabeça de uma raposa. A capa e o broche talvez ficassem um pouco deslocados por conta de sua sofisticação, mas, assim como a seda azul da tenda, mais se destacavam do que se diminuam pela simplicidade do resto.

A seguir, ela soltou e amarrou de novo o cabelo em um coque, prendendo os fios soltos para trás e passando a mão no montinho para alisá-lo. Tao colocou a mão num dos bolsinhos em sua cintura e pegou um longo palito de jade com belos entalhes e uma curva no final: um *ji*, ou prendedor de cabelo shi-nense. Ela o virou nos dedos por um momento, sentindo como a jade parecia tanto fria quanto quente ao mesmo tempo. Será que sua mãe sentia falta de usá-lo? Ainda notava sua ausência? Mas Tao engoliu em seco apesar do nó que se formou em sua garganta ao enfiar com cuidado o *ji* no coque, ajustando até ficar firme. Não era hora de se perder em memórias. Ela tinha sortes para ler.

Segura de estar apresentável, voltou-se para o menino do lado de fora de sua tenda.

— Bom dia, Cam. Sim, estou prestes a abrir... mas, antes, precisava da sua ajuda. — Ela apontou para o bule sobre a mesa. — Preciso encher isso de água fervente. Você poderia levar até a taverna da Sra. Hattie e pedir para ela encher para mim, por gentileza?

— Posso sim! — respondeu Cam. Ele pegou o bule com cuidado pela base, já que não sabia qual das duas protuberâncias era de fato a alça, e correu para a taverna de peito estufado com ares de importância ao passar pelos vizinhos. Voltou depressa com um bule soltando fumaça, mordendo os lábios com concentração ao colocá-lo na mesa.

— Obrigada — agradeceu Tao. — Quer ser meu primeiro cliente?

— Quero! — respondeu ele, animado. — Mas... — Cam vasculhou os bolsos, esperançoso, e pescou três moedinhas que não